Sbacem

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES, COMPOSITORES E ESCRITORES DE MÚSICA

DIREÇÃO: BRAGA FILHO • N.º 75 • SETEMBRO 968

em revista

Caymmi e Stela Maris, na exposição de quadros executados pelos artistas radiofônicos. Ao lado, um retrato de Rubem Braga (Associação Brasileira de Imprensa — 1954)

Pinturas do môço

PAULO MENDES CAMPOS

Dizer que Dorival Caymmi é um rapaz simples seria um lugar-comum de reportagem e uma inverdade. Caymmi não é de pôses mas também não é simples. O modo com que fala, sua tortura para exprimir o que pensa, e se definir, suas irritações contra isso ou aquilo, mostram um homem subjetivo, de funcionamento emocional bastante complicado.

Encontramo-nos no bar, e falamos primeiramente sôbre pintura. Outras reportagens já disseram alhures que Dorival Caymmi gosta de pintar.

— Comecei a desenhar no colégio, disse-nos êle. Em 1943, freqüentei um curso noturno de desenho na Escola de Belas-Artes da Bahia. Só muitos anos mais tarde, comecei a usar o óleo, e a interessar-me realmente pela pintura, comprando livros e álbuns. Fui muito combatido, a princípio, pelos meus amigos, principalmente em casa e por Jorge Amado. Achavam que a pintura poderia me desviar da música.

Gosto de conversar sôbre pintura onde sou atendido: Pancetti, Portinari, Burle Marx, Di Cavalcanti, Bruno Giorgi, Gobis, Manoel Martins...

— E você já expôs?

— Apenas uma vez, numa exposição coletiva de radialistas-pintores, realizada na ABI, onde apresentei alguns trabalhos. Mas devo confessar, antes de mais nada, de que, de vez em quando, eu destruo quase tudo o que fiz tomado de um invencível desânimo. Já me arrependi muito de ter destruído certos quadros. Meus quadros são dados e furtados, aos amigos e pelos amigos, respectivamente.

— Qual a sua tendência em pintura?

— Bem, eu acompanhei tôda essa querela entre abstracionismo e figurativismo. Mas não cheguei a uma posição definitiva. Sou um lírico em pintura, gosto da harmonia das côres. Por outro lado, não posso me desprender da forma. Meu ideal seria uma pintura que correspondesse em côres às harmonias de uma fuga de Bach.

— Comecei a gostar de música sem saber o que era isso, quando era menino. Em certa época, cheguei a detestá-la: aos doze anos, doente de impaludismo, tinha que ouvir o dia inteiro a vitrola de um homem que morava em minha rua. Quando arranjei um violão, fui descobrindo um mundo nôvo na sonoridade. Como aprendi música, descobrindo-a por mim mesmo, em companhia de um grande amigo, tive uma vantagem: fui levado por isso mesmo a inventar um pouco de música. Foi o que me fêz compositor.

Caymmi pensa um pouco e diz:

— A canção tem uma influência bonita! O folclore é uma das coisas mais sólidas do canto popular.